

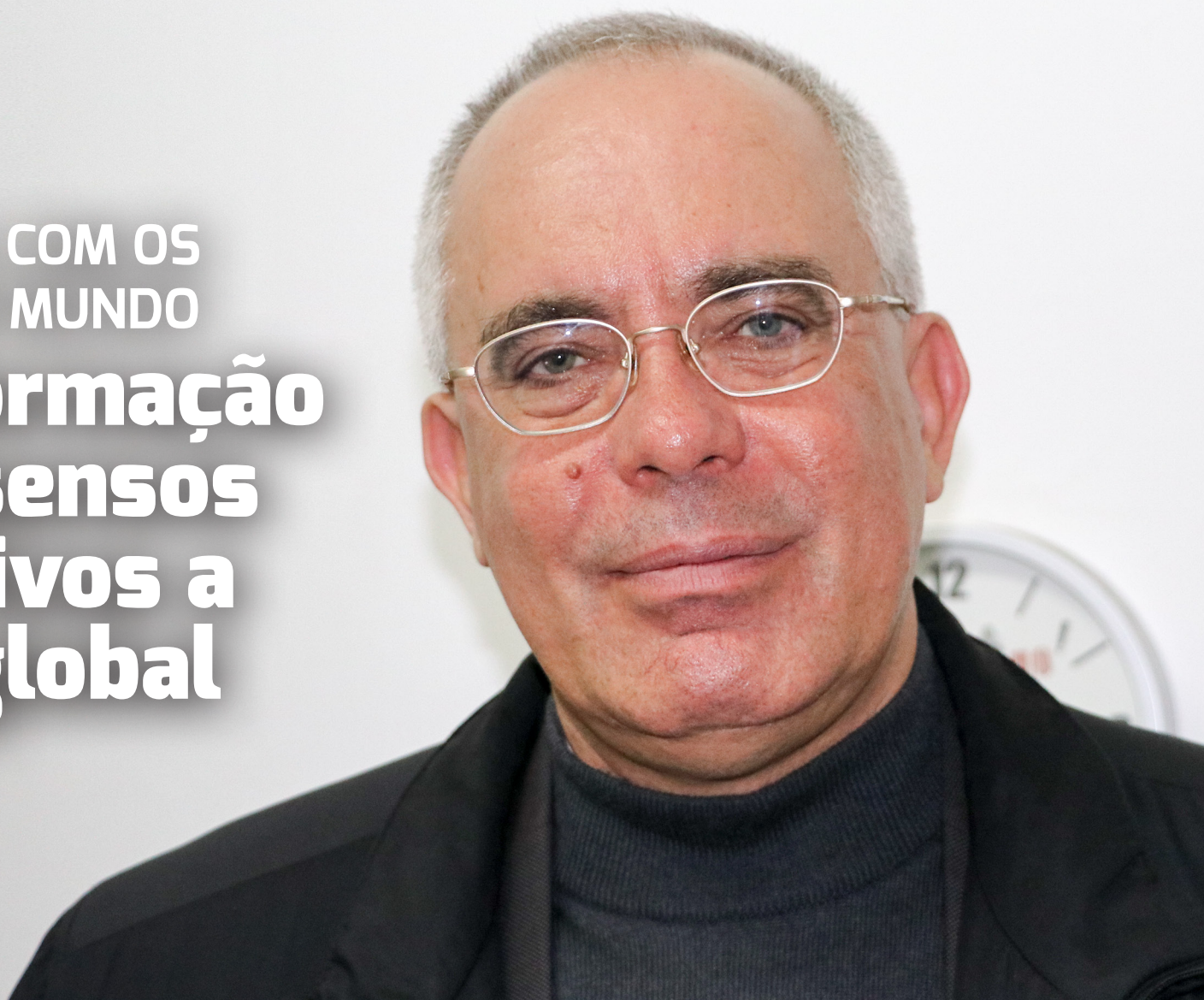
# 4 Grande Plano

*“Quantas vezes quem está à frente, como o fariseu relativamente ao publicano, levanta muros para aumentar as distâncias, tornando os outros ainda mais descartados.”*

(Papa Francisco, homilia 27 outubro - encerramento do Sínodo)

VILA-CHÃ, COM OS OLHOS NO MUNDO

## Urge a formação de consensos operativos a nível global



Com as problemáticas ecológica, tecnológica, económica e do trabalho humano em fundo, em razão da temática do Colóquio promovido na última quinta-feira (24 de outubro) pela Comissão Diocesana Justiça e Paz, o Professor João Vila-Chã faz, ao Correio de Coimbra, uma leitura dos traços e das exigências que se colocam no mundo atual aos cidadãos, aos políticos e às religiões, também ao catolicismo, porque “a catolicidade é um outro modo, bem mais original, de expressar a globalidade”.

CORREIO DE COIMBRA

**Que mensagem central quis o Pe. João Vila-Chã trazer a este Colóquio?**

**JOÃO VILA-CHÃ**

A mensagem que eu gostaria de ter trazido a este colóquio, usando uma palavra do meu colega de painel, o Prof. Carlos Fiolhais, é uma palavra de esperança. Nós estamos a viver um processo de transformação - alguns chamam-lhe “a grande Transformação” - a tal revolução industrial 4.0, que é, evidentemente, uma reevocação das revoluções anteriores, mas que tem uma dimensão e profundidade inauditas na história da humanidade. Hoje, do ponto de vista tecnológico, em seis meses acontecem mudanças que não se comparam, na sua profundidade e radicalidade, com mudanças que levaram milhares de anos a acontecer, inclusivamente tendo em conta a própria revolução industrial. Por exemplo, e só como exemplo porque não li nada de sério sobre isso e a concorrência diz que não é bem assim, mas por

estes dias fala-se de uma grande empresa, a Google, que anuncia ter conseguido dar o tão esperado “salto quântico” na tecnologia do processamento de dados, um processador que consegue realizar em brevíssimos tempos aquilo que um computador dos que agora temos - e que de si funciona já a «anos-luz» dos primeiros grandes sistemas informáticos da segunda metade do século XX - levaria, pelo menos hiperbolicamente falando, tempos de todo impraticáveis, para não dizer absurdos, a realizar. Portanto, hoje, o salto quântico na computação é qualquer coisa de absolutamente extraordinário. Isto é apenas um exemplo; ponho entre parênteses a realidade fática da implementação técnica da descoberta em causa, pois será a comunidade científica e tecnológica a ter de, mais uma vez, decidir sobre isso. Seja como for, vivemos realmente num tempo em que grandes saltos qualitativos estão a acontecer debaixo dos nossos olhos. E muitas dessas mudanças têm, ou terão, consequências reais, concretas e imediatas na vida

de milhões de pessoas. Nomeadamente, no que toca à questão da empregabilidade. Veja-se, por exemplo, o que já se designa por *telemigração*: por exemplo, um aluno meu, de tempo recente, africano de origem, vive na Europa e trabalha para uma companhia chinesa como professor de inglês. Sem sair da cidade onde vive, tem o seu salário a partir da China. Assim também haverá já milhares ou milhões de cidadãos e cidadãs da China, para já não falar da Índia ou das Filipinas, que realizam trabalhos à distância para companhias europeias ou norte-americanas. Na verdade, em nossos dias continuam a acontecer transformações tecnológicas que afetam e afetarão a vida de milhões de pessoas no âmbito do trabalho humano e no modo como as pessoas realizam os seus ideais, os seus sonhos, ou como vivem, e desde já, o seu dia-a-dia. As inovações tecnológicas, sobretudo no âmbito da automação, da informática, da comunicação, são transformações muito fortes, ao ponto de que alguns autores falarem,

“

**Não fechemos os olhos! Antes, aprofundemos o nosso conhecimento daquilo que está a acontecer para podermos ter uma maior maturidade no momento das nossas decisões.**

como já disse, do nosso tempo como sendo, mais uma vez, o da grande Transformação na história da humanidade. Algo de muito sério está, pois, a acontecer debaixo dos nossos olhos.

Assim, a minha primeira mensagem era: estejamos atentos, não fechemos os olhos se queremos, como cristãos, como católicos, como homens e mulheres de Igreja, se queremos ter

uma palavra a dizer, até porque isso nos vai afetar, e se não for a nós, será aos nossos filhos, aos nossos netos. A tal *geração Z*, que está agora a entrar na universidade, vai ser imediata e fortemente afetada por estas mudanças, para o bem ou para o mal; eu gostaria que fosse para o bem, porque as tecnologias, por definição, são neutras - melhor, não são completamente neutras, mas tampouco podem ditar de forma completa, total, aquilo que nós fazemos com elas. Por exemplo, temos hoje uma tecnologia informática, uma rede social como o *facebook*, em que podemos fazer com ela coisas péssimas ou podemos fazer coisas ótimas, importantes, úteis, significativas, revelantes. Portanto, a tecnologia é um desafio! E a minha mensagem era: não fechemos os olhos, por um lado; e, por outro, abramos os olhos, tentemos aprofundar o nosso conhecimento daquilo que está a acontecer para podermos ter uma maior maturidade no momento das nossas decisões. Podem ser decisões políticas - terão que ser, em última estância,

“Quantas vezes, mesmo na Igreja, as vozes dos pobres não são escutadas, acabando talvez vilipendiadas ou silenciadas porque incômodas. Rezemos pedindo a graça de saber escutar o clamor dos pobres: é o clamor de esperança da Igreja.”  
(Papa Francisco, homília 27 outubro - encerramento do Sínodo)

# Entrevista 5

decisões políticas –, mas também podem ser decisões pessoais, inclusivamente decisões vocacionais: o que é que um jovem faz hoje com a sua vida? Não podemos esperar que os jovens de hoje, de amanhã, decidam a sua vida completamente alienados do mundo de que fazem parte. Portanto, o que está a acontecer tem relevância e, a meu ver, tem relevância imediata, nomeadamente para a vida e para o futuro da Igreja. Assim, a minha mensagem pretendia ser uma mensagem de estímulo à reflexão, uma mensagem de alerta para o que está a acontecer, mas sobretudo uma mensagem de esperança, porque somos beneficiários daquilo que as gerações anteriores teriam gostado de ter tido à sua disposição e não tiveram. E nós, hoje, temos tecnologias à nossa disposição, relativamente às quais seria um erro gravíssimo, uma grave falta de caridade, fazer de conta que não existem e deixar a sua aplicação nas mãos apenas dos interesses económicos e outros afins.

“  
**Hoje, temos tecnologias à nossa disposição, relativamente às quais seria um erro gravíssimo, uma grave falta de caridade, fazer de conta que não existem.**

**Pegando nesses “interesses económicos” que acaba de referir, e recordando o título deste Colóquio, “esta economia mata”?**  
A pergunta coloca de novo um problema muito sério, porque, se é verdade que esta economia mata, também é verdade que esta economia dá vida. Esta economia salva milhões de pessoas de morrerem de doenças curáveis. A investigação biotecnológica, as ciências biotecnológicas são uma conquista extraordinária. Eu sei que o Santo Padre usou essa expressão – não recorde agora o contexto preciso, nem aquilo que ele quis efetivamente

dizer – mas nem tudo nesta economia é negativo, e temos que ter cuidado com isso. Agora, é verdade: esta economia é desigual e os pobres do mundo sofrem as consequências, eu diria, de uma invasão, ou até de uma usurpação de direitos, como, por exemplo, na indústria extrativa, com as grandes empresas de extração mineral ou de exploração florestal na Amazônia, em vastas regiões da América Latina, na China, em África, nos Grandes Lagos, em tantas regiões que estão a ser fortemente afetadas pelos grandes interesses da chamada economia global... Por exemplo, o caso do lítio, o mineral que possibilita estes aparelhos que temos aqui diante de nós [computador, gravador, telemóvel] e que tantas vezes tanto nos facilitam a vida, mas que são já, mesmo nós consumidores não sabendo disso, motivo direto e imediato de graves conflitos e guerras civis causadoras de violência e morte a inumeráveis pessoas, como tem vindo a acontecer desde há anos na República Democrática do Congo. Portanto, é verdade que há aspetos negativos, problemáticos, inaceitáveis nesta economia; mas, por outro lado, nunca na história do mundo a economia tirou tanta gente da miséria como nos nossos dias. Enfim, a expressão «esta economia mata» confronta-nos diretamente com impressionante paradoxo.

**O Colóquio debruçava-se também sobre as questões ambientais, e foi muito referido nele o aquecimento climático. Há autoridade política capaz de conduzir a mudança desejável?**  
A classe política, a nível mundial, tem que assumir a sua responsabilidade, sendo que a responsabilidade política hoje é muito delicada. É muito difícil tomar decisões, porque muitos dos fatores que determinam a nossa vida no dia a dia, e no dia de amanhã, são fatores que muitas vezes ninguém conhece suficientemente bem; os sistemas são sistemas de distribuição; a informação é sempre parcial. Portanto, o *grande líder* – que é uma tentação, uma tentação de hoje, o tal *‘populismo’* – pode ser uma ilusão. Por outro lado, se as sociedades não tiverem consciência, se não fizerem a experiência, não tiverem a perceção de que a classe política – aqueles que dirigem, inclusivamente

nas empresas, os *managers*, os gerentes – são pessoas que, na expressão popular, ‘dão o corpo ao manifesto’, pessoas que se entusiasмам, que se preocupam com o bem comum, de todos, de toda a sociedade, seja a empresa, a região, o país, o mundo..., se isso falta, então nós estamos perante um *niilismo* extremamente desgastante, inclusivamente a nível psicológico. Hoje há muita gente que vive um ceticismo total em relação à classe política e diz “isso não me interessa”



“  
**Se é verdade que esta economia mata, também é verdade que esta economia dá vida. Esta economia salva milhões de pessoas de morrerem de doenças curáveis.**

sempre que se afrontam problemas sérios da nossa vida em comum, entre os quais, necessariamente, o ecológico. Mas todos os políticos são desmerecedores de confiança? Obviamente, não! Hoje vivemos num tempo de dificuldade em afirmar identidades sociais. Até mesmo na classe sacerdotal, o sacerdócio católico, com uma identidade secular, milenar, vive hoje um momento de confronto. Isto cria instabilidade em muita gente, e também acontece com os políticos. A classe política vive no âmbito de uma esfera de ambiguidade

de que não para de crescer: tem poder, mas não tem autoridade. Porque as pessoas não aceitam, não reconhecem, o serviço que os políticos são chamados a fazer. E isso, no meu modo de ver, é um problema. Precisamos de uma classe política que se relacione, de uma forma positiva, não abusiva, com a sociedade. Os políticos, de facto, têm uma função muito importante na regulação da vida em sociedade, sobretudo quando também são legisladores, quando determi-

nam por essa via a vida comum nas sociedades. Por outro lado, as sociedades, a cidadania, precisa de se relacionar com a classe política de uma forma muito mais madura e muito mais responsável. No fundo, nós temos os políticos que merecemos; cada sociedade tem os políticos que é capaz de gerar. Se temos maus políticos, isso deve obrigar-nos, antes de mais, a repensar aquilo que somos, aquilo que queremos, aquilo que fazemos e o modo como atuamos no interior da *polis*, de tal forma que este dar e receber, esta dinâmica de mutualidade permaneça ativa nas nossas sociedades. Uma sociedade que despreze os políticos é uma sociedade condenada a ter políticos que a despreze.

“  
**A classe política vive no âmbito de uma esfera de ambiguidade que não para de crescer: tem poder, mas não tem autoridade.**

**Também há quem, de quando em vez, perante a globalização da vida e mais ainda dos problemas, sugira um poder supranacional, uma espécie de governo mundial...**  
É um tema muito discutido, a questão da governança, e que tem muito a ver com a questão ecológica, em que os problemas são mundiais: nenhum país sozinho consegue resolver o problema das alterações climáticas, por exemplo. É um problema verdadeiramente global. E mui-

“  
**Hoje vivemos num tempo de dificuldade em afirmar identidades sociais.**

ta gente pensa que é tempo de alguém, por exemplo as Nações Unidas, como instituição global, fazer um plano de ação e implementá-lo com rigor e exigência. Isso é bom, mas também precisamos de ter muito cuidado com o assunto, tanto mais que, politicamente falando, a ideia de um governo mundial, nos últimos anos, sobretudo a partir do ano de 2016, com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, ou de Bolsonaro no Brasil, tem vindo a esfriar, gerando mesmo uma espécie de repelência eleitoral. Ou seja, as pessoas em países como os apenas mencionados votaram para dizer “basta” à chamada governação mundial, atuando em função de slogans políticos como o de “*America first*”, ou “*Brasil acima de tudo*”. Mas é evidente que se os problemas são globais, as soluções também têm que ser globais. A questão é como fazer e implementar soluções globais sem usurpar valores que são válidos, que não perderam ainda a sua validade, como por exemplo a soberania das nações e dos povos. São valores de que muita gente ainda não está disposta a abdicar. Por isso, há limites sérios à ideia de um governo mundial, ou seja, a um governo global capaz de responder a problemas que, por natureza, são globais. Assim, penso que o que se impõe fazer é criar regras eficazes no jogo mundial, entre povos e nações, regras funda-

AMO A IGREJA  
LEIO O SEU JORNAL

CORREIO DE COIMBRA  
Semanário da Diocese de Coimbra

FAÇA A SUA ASSINATURA  
INFORMACOES  
239 792 344

# 6 Entrevista

das numa correta formulação dos problemas e consistentes com as soluções que importa ou urge encontrar. Mas isso só funcionará se as nações do mundo (as tais *Nações Unidas*) forem capazes de criar regras de jogo que sejam verdadeiramente globais, não cada país, por si, a definir as regras de uns contra os outros. E é isso que tem vindo a falhar nos últimos anos. Por diversíssimas razões, os Estados Unidos retiraram-se do Protocolo de Paris, não financiam

“  
**Um país que viole determinados protocolos, como por exemplo a proteção do ambiente, tem que poder ser punido.**

mais a UNESCO, recusam-se a pagar acima de um certo nível para as Nações Unidas, etc... É um problema, de facto, mas talvez também já consequência de uma aproximação à governança mundial que se tem revelado não estar, talvez, à altura dos problemas que temos de en-

frentar. A lógica, portanto, tem de ser a do dar e a do receber. Eu não creio que seja plausível a criação de um governo a nível mundial - com um *Presidente* do mundo, com uma *Assembleia* do mundo - nem creio que isso seja eficaz, possível, ou recomendável... Mas tem que haver, sobretudo a nível da legislação, do direito internacional, vigente e implementado, a capacidade de criar condições legais, de obrigação, que permitam afrontar os problemas mundiais com soluções verdadeiramente globais. Ou seja, um país que viole determinados protocolos, como por exemplo a proteção do ambiente, tem que poder ser punido. Temos que chegar, do ponto de vista político, a uma metáfora que aprendi de alguém a relacionar com o campeonato do mundo de futebol: a FIFA estabelece regras muito claras e diz: ‘Queres ser parte do campeonato mundial? Então, antes de mais, tens de te classificar para isso; depois, ou ao mesmo tempo, tens que aceitar jogar segundo regras precisas, públicas e inamovíveis durante a competição’. Enfim, há coisas que se podem fazer e há outras que não se podem fazer, seja a nível de uma competição desportiva seja, mais ainda, no que respeita à governação do mundo. Acontece que o jogo político é sempre infinitamente mais complicado do que o aludido com a metáfora do cam-

peonato mundial de futebol. A urgência de hoje para o nosso mundo é a formação de consensos operativos a nível global, o alinhamento de países, culturas e civilizações no esforço comum, metodicamente organizado e rigorosamente controlado, de decidir de forma eficaz sobre o que se possa ou não fazer, e até mesmo do quando e de como tornar atuais os esforços comuns que se impõem. Nesta lógica, e de novo em linha com o que no Colóquio disse o Prof. Fiolhais, julgo que, para além das famílias e das comunidades, impõe-se, por todos os meios possíveis, conversar e dialogar, mas sem nunca esquecer os imperativos, e a eficácia, da ação.

**Que papel podem ter as religiões - e a Igreja católica - neste processo?**  
As religiões, e a Igreja Católica em particular, têm um papel absolutamente fundamental, porque elas existem desde há milénios - não porque alguém, uma classe de padres ou sacerdotes, as inventou, como dizem as teorias marxistas - mas porque são o produto de uma necessidade profundamente humana. O próprio cristianismo, como religião revelada, é resposta de Deus às carências do homem, às necessidades do ser humano; e, como religião, mesmo sendo derivado do povo hebreu, é, por definição, uma religião universal, com vo-

“  
**A Igreja Católica tem uma especial responsabilidade de liderança perante os problemas globais dos nossos dias, problemas de um mundo cada vez mais complexo.**

cação global. Por isso, o papel das religiões, do cristianismo, e da Igreja católica em particular, é um papel de liderança. Felizmente, temos vindo a ver isso com os últimos Papas, desde São João XXIII a Paulo VI, de São João Paulo II a Bento XVI e a Papa Francisco, este especialmente com a sua magnífica Carta-Encíclica *Laudato Si’*, uma prova claramente dada de que na Igreja o ministério petrino, agora na pessoa do Papa Francisco, reconhece a obrigação, a urgência, a necessidade de fazer luz no mundo e, portanto, de liderar, interpelar, de chamar a atenção de todos, mas especialmente dos outros líderes mundiais, para a urgência de se fazer alguma coisa no sentido de resolver crises como a do ambiente ou da cres-

cente desigualdade. Nas últimas semanas, em Roma, temos tido o sínodo sobre a Amazônia, que está a ponto de terminar os seus trabalhos, um evento que nos pode fazer interrogar: onde é que já se viu um Papa, uma Igreja, debater um problema regional como a Amazônia - o que irrita determinados governos, põe políticos contra a Igreja, até católicos contra católicos, uns de direita, outros de esquerda?! A verdade é que, tal como a *Laudato Si’*, este Sínodo é um forte sinal dos tempos. E, de facto, as religiões, e a Igreja Católica em particular, não podem não fazer coisas como essas, ou seja, abandonar a esfera do seu conforto autorreferencial e, de forma decidida, abrir-se aos grandes problemas e desafios da humanidade do tempo presente. E se como membro da Igreja a minha opinião interessa para alguma coisa, ela é esta: a Igreja Católica tem uma especial responsabilidade de liderança perante os problemas globais dos nossos dias, problemas de um mundo cada vez mais complexo, pois, graças a Deus, e à fidelidade de incontáveis homens e mulheres ao longo da história, ela, a Igreja que somos todos nós, continua a estar, e ainda bem, entre as mais globais organizações existentes à face da terra. Ou não é verdade que a *catolicidade* é um outro modo, bem mais original, de expressar a *globalidade*?

## LÚCIA, A ÚLTIMA MENSAGEM

### Livro de Manuel Arouca apresentado em Coimbra



Obra de ficção de Manuel Arouca, “Lúcia, a última Mensagem” foi apresentada em Coimbra por D. Virgílio Antunes, no dia 28 de outubro, no Salão de São Tomás, Seminário Maior. A história parte de um projeto para a realização de um grande filme sobre as alterações climáticas, que terá por protagonista Lúcia, a vidente de Fátima. A partir daí, desenvolve-se o enredo. O livro inscreve-se, assim, na própria cultura ficcionista, cinematográfica e literária do autor. “Lúcia, a última vidente” é, portanto, uma ficção, como fri-

sou o Bispo de Coimbra, que se distingue da história, da teologia e do futuro, embora integre estas três dimensões, a do futuro enquanto possibilidade de o escrever de modo positivo pela mudança do presente. Aliás, continuou D. Virgílio, um dos méritos da obra é precisamente “o facto de chamar a tenção para a necessidade de mudança nas consciências e nas sociedades, necessidade que vai diretamente ao encontro do núcleo da Mensagem de Fátima: a oração e a penitência para a salvação das pessoas e da humanidade”.

## CARITAS DIOCESANA DE COIMBRA.

### 300 idosos conviveram em Pombeiro da Beira



Caritas Diocesana de Coimbra realizou no dia 25 de outubro o seu 10º encontro de idosos utentes das suas estruturas residenciais, centros de dia e apoio domiciliário. Foram 300 convivas, provindos um pouco de toda a diocese, a que se juntarem os profissionais, acolhidos pela bonita aldeia de Pombeiro da Beira. O Encontro começou na Igreja Matriz, com missa presidida pelo Pe. Luís Costa, concelebrada por vários padres residentes na Casa de São José e também pelo antigo pároco, Cón. Manuel Martins.

Esteve ainda presente o diácono Alfredo Fernandes. Na homilia, o Pe. Luís deixou palavras de exortação à vida em pleno, mesmo nas limitações da idade e da saúde. Depois, seguiu-se o almoço e uma animada tarde de convívio no Centro Gimnodesportivo, com a presença do Grupo de música popular Prima Tocata, daquela mesma comunidade arganilense, que animou um concorrido bailarico. Foi um dia de muita alegria e convívio, liderado pelo profissionalismo e experiência dos colaboradores da Cáritas.

## LOC/MTCE

### Trabalho digital e emprego estável e seguro

OMTCE - Movimento de Trabalhadores Cristãos da Europa realizou de 17 a 19 de outubro, em Oostende, na Bélgica, um Seminário sobre “Trabalho Digital: entre o desejo de autodeterminação e a necessidade de regulamentação laboral”, que contou com 37 representantes de 11 países europeus, também de Coimbra. A digitalização foi considerada pelos participantes um “fenómeno ambivalente, com aspetos positivos e negativos”. Criticam também o grande fosso entre as sociedades digitalizadas e os milhões com pouco ou nenhum acesso a estes meios. Para a harmonização do trabalho digital, foram apresentadas diversas linhas programáticas e exigências, à cabeça das quais aparecem a aprendizagem ao longo da vida, a garantia de empregos seguros e estáveis no processo de transformação em curso e a clareza das fronteiras entre o tempo de trabalho e tempo para a família.